

**A TELENOVELA BRASILEIRA E MUNDO MUÇULMANO: UM
BREVE ENSAIO SOBRE O PERSONAGEM TIO ALI
NA NOVELA *O CLONE****

*César Henrique de Queiroz Porto***

Resumo: Os meios de comunicação possuem impacto significativo na percepção que os indivíduos formam do mundo que os cerca. Com o advento da televisão, os elementos imagéticos ganharam força redobrada. O Brasil desenvolveu uma indústria televisiva poderosa em uma sociedade marcada, ainda por um sistema precário de ensino oficial. A telenovela emergiu no país no início dos anos cinquenta e, poucas décadas depois se tornou o principal produto cultural da mídia televisiva nacional. Através da análise de trechos extraídos de discursos de um personagem da novela *O Clone*, o Tio Ali, interpretado por Stênio Garcia, buscou-se demonstrar que muitos brasileiros se introduziram nos debates relacionados ao mundo muçulmano.

Palavras-chave: Telenovela – Islã – *O Clone* – Rede Globo.

Abstract: Communication means have significant impact on the perception that individuals produce of the world surrounding them. With the arrival of television, imagetic elements received even greater meaning. Brazil has developed a powerful television industry in a society yet branded for a precarious official teaching system.

* Uma versão resumida deste texto foi publicada no quarto seminário de metodologia e teoria da História da Unimontes em 2009.

** Professor de História da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo – USP. Contato: cesarportoporto@hotmail.com

TV soap operas emerged in the country at the beginning of the 1950's, and a few decades after became the main cultural product of national television media. Through the analysis of excerpts extracted from discourses on the TV soap opera *O Clone*, the Uncle Ali, character performed by the actor Stênio Garcia, sought to display that many Brazilians introduced their selves on debates related to the muslim world.

Keywords: TV soap operas – Islam – *O Clone* – Rede Globo

Resumen: Los medios de comunicación poseen impacto significativo en la percepción que los individuos forman del mundo que los rodea. Con el advenio de la televisión, las imágenes lograron fuerza redoblada. El Brasil desarrolló una industria televisiva poderosa en una sociedad marcada por un sistema todavía precario de enseñanza oficial. La telenovela emergió en el país al principio de los años cincuenta y, pocas décadas después, se tornó el principal producto cultural de la televisión nacional. A través del análisis de extractos del discurso de un personaje de la novela *El Clone*, el tío Ali, interpretado por el actor Stênio Garcia, se buscó demostrar que muchos brasileños se introdujeron en los debates relacionados al mundo de los musulmanes.

Palabras clave: Telenovela – Islã – El Clone - Red Globo.

A importância da telenovela no Brasil

A telenovela brasileira se consagrou como o mais importante produto da indústria cultural no país, sendo considerado o programa de maior popularidade e maior lucratividade nacional. Não se pode ignorar uma produção que se transformou no mais poderoso veículo de comunicação da América Latina. No Brasil, assistir a novela, principalmente a exibida no chamado horário nobre, se tornou um hábito apreciado por milhões de pessoas. Além disso, muitos folhetins eletrônicos produzidos pela emissora mais importante nesse segmento, no caso a Rede Globo, são exportados para vários países e assistidos por multidões de europeus, latino-americanos e até africanos de língua portuguesa. Esse fenômeno midiático tem chamado a atenção de muita gente. Esther Hamburger afirma que as

(...) especificidades das novelas brasileiras lhes valeram destaque na bibliografia especializada no Brasil e no exterior. Autores debatem os

paradoxos de um fenômeno da mídia capaz de mobilizar audiências nacionais compostas pelos mais diversos segmentos demográficos, incluindo classes sociais, gerações, sexo e região geográfica, em torno de “folhetins eletrônicos”, programas que misturam convenções do melodrama e da notícia, do entretenimento e do jornal, em formato dos mais lucrativos da televisão brasileira, o que explica em grande parte o interesse sempre renovado das emissoras pelo gênero (HAMBURGER, 2000, p.26).

Apesar de inúmeros trabalhos¹ que se dedicavam ao debate de aspectos relacionados ao conteúdo das novelas, persistiu ainda durante um bom tempo, um relativo preconceito nos meios acadêmicos e intelectuais quanto a esse tipo de programa.

Nesse trabalho, partimos do princípio de que a telenovela é muito mais do que um mero entretenimento. Ela possui muitos vínculos com a sociedade, trabalhando o imaginário, vendendo estilos de vida e sensibilizando o público em relação a certas questões que atravessam o meio social. Sendo assim, ela se constitui em um importante objeto de pesquisa que abrange uma complexidade enorme de estudos, pois apresenta temas que engendram debates, discussões e contribuem até para educar pessoas.

Para Jesus Martín-Barbero (2001), a telenovela é um produto sócio-cultural revelador de aspectos expressivos da cultura existente na sociedade na qual é produzida, identificando-se e interagindo com o cotidiano social brasileiro. Esther Hamburger, importante pesquisadora do tema, destaca que o folhetim eletrônico consegue estabelecer certos padrões que levam os telespectadores não necessariamente a concordância, mas que acabam servindo como verdadeiras referências para que eles se posicionem. Essa mesma autora afirma que a telenovela “é emblemática do surgimento de um novo espaço público, no qual o controle da formação e dos repertórios disponíveis mudou de mãos, deixou de ser monopólio dos intelectuais, políticos e governantes titulares dos postos de comando nas diversas instituições estatais” (HAMBURGER, 1998, p. 442).

¹ MATTELART, Armand e MATTELART, Michelle. *O carnaval das imagens*. São Paulo: Brasiliense, 1990. ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1987. KEHL, Maria Rita. *Eu vi um Brasil na TV*, in: KEHL, Maria Rita; COSTA Alcir H. da e SIMÕES, Inimá F. (eds). *Um país no ar: história da TV brasileira em três canais*. São Paulo: Brasiliense/Funarte, 1986.

Assistir novelas no Brasil se tornou um programa comum e familiar. A que é exibida no chamado horário nobre, conhecida como “a novela das oito” consolidou-se como uma atividade tão rotineira, que muitas pessoas organizam suas atividades no início da noite em função disso. Deve-se destacar a importância da Rede Globo como disseminadora desse produto cultural, tendo em vista que na atualidade sua posição hegemônica ainda prossegue nesse segmento, apesar de uma considerável queda na audiência.

Fundada nos anos sessenta, durante o regime militar, a TV Globo desempenhou um papel decisivo na popularização da telenovela, realizando a transformação do gênero folhetinesco, melodramático e estrangeiro numa produção contextualizada e ligada à realidade brasileira (MELO, 1988).

Falando ainda a respeito da telenovela como um produto sócio-cultural, Maria Elizabete Albuquerque Canuto, em sua dissertação de mestrado destacou a audiência da Rede Globo no setor. Ela ressaltou que a “respeito da distribuição das telenovelas quanto aos horários, é interessante destacar, na história desta emissora de TV, uma certa constância de estilo temático para cada horário, de modo a manter padrões esperados e alimentados pelos telespectadores” (CANUTO, p.21).

Geralmente, para o horário das oito, a emissora apresenta tramas que vão além das costumeiras histórias de amor, abordando temas relacionados com a política e assuntos polêmicos ligados a vida moderna. Esse é o chamado horário nobre, voltado para um público adulto e cujas temáticas são relacionados ao cotidiano desse segmento da população.

Portanto, a novela abre espaços que priorizam questões que não se limitam ao melodrama, a trama amorosa. Elas conseguem incorporar problemas do dia a dia e socializar as multidões. A escolha de *O Clone* como objeto de análise empírica, para a pesquisa que deu origem a esse trabalho se justificada em função de sua abordagem que levou para a televisão o islã, justamente em um momento onde as relações entre o Ocidente e o Oriente islâmico atingiram um elevado grau de tensão.

A telenovela *O Clone*

A novela *O Clone*, que foi exibida pela Rede Globo de televisão, foi ao ar no dia primeiro de outubro de 2001 e se estendeu até o dia quinze do ano seguinte, tendo, portanto, quase um ano de duração – sua exibição aconteceu no chamado horário nobre, aproximadamente as 21 horas. O folhetim foi escrito por Glória Perez e dirigido por Jayme Monjardim totalizando 221 capítulos na versão nacional. Posteriormente essa produção televisiva foi exportada para vários países, entre eles a Argentina, Canadá, Chile, Israel, Portugal e Rússia. Foi exibida até nos Estados Unidos, para o público de origem hispânica, em uma parceria da emissora com o canal Telemundo. A partir do dia 10 de janeiro de 2011, teve início à reprise de *O Clone* no tradicional horário vespertino dedicado pela emissora as reexibições de suas telenovelas mais populares.

Essa produção da TV Globo apresentou-se como uma telenovela de formato híbrido, representando uma comunidade de muçulmanos marroquinos, suas práticas culturais e religiosas, da mesma forma que retratou elementos cotidianos brasileiros, em contextos sócio-culturais diversos. Para além de colocar na agenda pública a relação entre o islã e o mundo ocidental – no caso específico, o Brasil –, a novela projetou também temáticas de agenda de pretensão universal, tais como a clonagem humana, e a interação com as concepções religiosas da criação divina, além de, ainda ter destacado a questão da toxicod dependência e do alcoolismo.

Na medida em que esse folhetim eletrônico avançava em meio ao público, após os primeiros capítulos, uma verdadeira febre por tudo que era relacionado à cultura árabe ia tomando conta de muitos brasileiros. Palavras, expressões, músicas, danças, roupas e comidas relacionadas aos árabes passaram a fazer parte do cotidiano não só do Brasil – por aqui o destaque foi o aumento da procura dos cursos de dança do ventre nas academias do país –, mas também em outros lugares onde a trama foi assistida. Em Portugal seu sucesso foi tamanho que a mesma foi reprisada desde abril de 2008, portanto antes mesmo de sua reprise aqui.

Apesar de reiterar alguns estereótipos e incorrer em absurdos e generalizações acerca do islã e dos árabes em geral, *O Clone*, levou para a ficção aspectos importantes da cultura muçulmana e se revelou em uma valiosa fonte de informações sobre o universo islâmico na conjuntura do imediato pós 11 de setembro

de 2001. Ao mesmo tempo em que atuou como entretenimento, também serviu como objeto de discussão e até educou pessoas em relação a algumas questões inerentes ao universo arabo-islâmico.

Em um país com um grande contingente de semi-analfabetos, a televisão se tornou um poderoso instrumento de formação. Multidões costumam dedicar muito mais tempo a TV do que a outras atividades socializadoras. Esse importante meio de comunicação passou a ocupar um lugar privilegiado no processo educacional contribuindo assim para a construção da cidadania no país. Maria Aparecida Baccega infere que

Comunicação é produção social de sentido. E esse sentido se constrói nas relações sócio-históricas dessa sociedade. Os meios de comunicação, que são da natureza dessa sociedade, atuam como fator de coesão social. Editando o mundo e agendando temas que a sociedade irá discutir, a comunicação entra no processo permanente de produção de significado, portanto de construção da realidade, em todas as suas manifestações, quer sejam culturais, econômicas ou políticas. (...) Os discursos, base na qual se assentam os meios de comunicação, são amplificados para todo mundo. São vozes e pontos de vista escolhidos para divulgação, que nos dão a base para nos inserirmos no mundo. A comunicação passou a ser, então, uma das instituições que “levam a pensar”, sobretudo pela aura de conhecimento agregada à informação (BACCEGA, 2000, p. 108).

O homem do início do terceiro milênio se forma e se informa interagindo com as novas tecnologias de informação e comunicação. Podemos afirmar que o grande público brasileiro teve mais acesso ao islã através das telas de televisão do que pela via da leitura e do ensino. A novela *O Clone* informou o receptor acerca de muitos aspectos da cultura islâmica, mesmo apesar de alguns temas terem sido tratados com muita superficialidade e outros acabarem desbancando para a estereotipização.

O indivíduo que assistiu a trama, de certa forma, prestou atenção, interpretou e comentou. Essa atividade levou essa pessoa a incorporar pelo menos uma parte de seu conteúdo simbólico. Tal fato, alimentou as suas representações acerca daquilo que é o muçulmano, o árabe e sua religiosidade. Essa apropriação despertou o interesse pelos valores islâmicos e possibilitou as pessoas a discutirem com outras, a transmitirem, a compartilharem, enfim a reinterpretarem seu conteúdo num processo contínuo de repetições e reelaborações.

Destaca-se também que a repercussão dessa telenovela foi considerada muito boa, tendo uma média geral de audiência elevada, em torno de quarenta e cinco pontos. A própria emissora vinha tentando reprisá-la no *Vale a Pena Ver de Novo* – lutava na justiça para isso durante mais de dois anos, tendo conseguido seu intento e iniciado a reprise a partir do início do mês de janeiro de 2011. Então, tendo em vista que conseguiu galvanizar o país, se tornou assunto de conversas do dia a dia, de programas televisivos (como o *Videoshow* e o humorístico *Casseta e Planeta*) e radiofônicos, alimentado comentários até na imprensa escrita (Revista *Veja* e jornal *Folha de São Paulo*).

O Clone, portanto contribuiu para trazer para o debate questões fundamentais que atravessam a civilização muçulmana diante dos desafios impostos pela modernidade, pela ocidentalização, tais como o peso da tradição no cotidiano das suas mulheres, por exemplo.

Um outro aspecto ressaltado pelo folhetim pode ser observado levando-se em conta a estreita relação entre os gêneros ficcionais e os tópicos da agenda midiática. Para tanto, pode-se destacar o trabalho de Catarina Valdigem que pesquisou a recepção de *O Clone* em meio a integrantes de uma comunidade muçulmana portuguesa e concluiu que essa produção televisiva “constituiu para a maioria dos muçulmanos entrevistados, um instrumento de esclarecimento cultural e religioso, capaz de promover a desconstrução de estereótipos associados ao islã e aos muçulmanos, no pós 11 de setembro” (VALDIGEM, s/d, online).

Embora essa autora tenha limitado a sua pesquisa de recepção a uma amostra em uma comunidade islâmica em Portugal, acreditamos que boa parte de suas conclusões se aplicam ao público brasileiro não-islâmico. Nossa principal hipótese é de que, muitos brasileiros que têm, principalmente na televisão, praticamente o único veículo de informações, se introduziram no universo do islã por meio dos personagens, de suas histórias, cenários, imagens, diálogos e símbolos divulgados pela novela.

Deve-se salientar que a mesma começou a ser exibida apenas poucos dias após os atentados perpetrados no dia 11 de setembro de 2001. Naquela ocasião, a imagem do islã estava sendo associada ao terror, à barbárie e a violência. A exibição dessa produção midiática no já consagrado horário nobre, após a edição do telejornal

mais assistido no país – aproximadamente perto das 21 horas – foi um grande sucesso de audiência. Não resta dúvida que a estória folhetinesca que teve como trama principal o amor entre um brasileiro e uma brasileira de ascendência marroquina ajudou a dissociar a religião do par violência e terrorismo.

Em relação ao seu enredo, de forma resumida pode-se dizer que

O Clone conta a história de amor entre Jade (Giovanna Antonelli) e Lucas (Murilo Benício), que se conhecem no Marrocos. Ela muçulmana e órfã, voltava a casa de seu tio Ali (Stênio Garcia) depois de ter crescido no Brasil. Ele, carioca e gêmeo de Diogo, estava lá de férias com o irmão, o pai Leônidas (Reginaldo Faria), a namorada Odete (Vera Fischer) e o cientista Albieri (Juca de Oliveira). Jade e Lucas se separam por causa de diferenças culturais. Cada um se casa em seu país e tem filhos. Lucas se une a Maysa (Daniela Escobar) e Jade a Said (Dalton Vigh). Enquanto isso, o geneticista Albieri clona Lucas, movido pela dor da morte de Diogo, seu afilhado. O clone Leandro (Murilo Benício) cresce e o encontro acontece: Lucas diante de seu clone. Quem é quem. Lucas não tem mais sonhos. Leandro, sim. Mas clone tem alma. O clone aborda a busca da identidade: da muçulmana em crise com a sua cultura, dos gêmeos idênticos, do conflito entre clone e clonado e do homem diante de Deus (GLOBO, 2002, p. 11).

Além de apresentar os universos islâmico e ocidental como a principal divisão social, a telenovela abordou temas polêmicos e inovadores como o mundo das drogas, o alcoolismo, a clonagem humana e os debates que a permeiam. Seu enredo se desenvolveu progressivamente, permitindo que muitos núcleos paralelos tenham emergido e se relacionado com a trama central.

O personagem tio Ali

O ator Stênio Garcia interpreta Ali, ou melhor, o “tio Ali”, tio da protagonista Jade e de sua prima Latifa. Integram ainda a família do personagem, Zoraíde, espécie de governanta da casa, o amigo Abdul – com quem trava constantemente intermináveis discussões sobre a religião e os costumes islâmicos – bem como os sobrinhos Mohamed, Said e Nazira.

Tio Ali se apresenta na trama como um homem religioso, sábio e que encarna a religiosidade islâmica tradicional. Estudou durante um tempo em Londres onde conheceu Albieri – que se tornou cientista geneticista. Juntos tio Ali e Albieri vão protagonizar vários debates acerca da relação de Deus com o mundo e a criação.

A maior parte das cenas que mobilizam o núcleo muçulmano da novela, tem, como cenário a casa desse patriarca que reside no Marrocos e que ainda possui ligações com o Egito.

O lugar social ocupado pelo personagem é o de um homem profundamente comprometido com a sua religião, o islã. Em todo momento, ele busca inspiração na tradição religiosa para orientação de sua conduta e a de seus familiares e amigos. Eles o respeitam, gostam de escutar seus conselhos, opiniões e sentem-se seguros em relação a estas, o que indica a sanção que conferem às ações dele, como pode ser observado através do diálogo entre Jade, sua prima Latifa e Zoraíde:

Jade: Como é o tio Ali?

Latifa: É o chefe da família, é o que manda em todo mundo. Ele tem um cortume aqui no Fez, tem negócios no Cairo.

Zoraíde: Ele é um homem muito sábio. Conhece muito a palavra do profeta. Ele vai fazer tudo por você.

A escolha de sua figura se justifica na medida em que foi através desse personagem que, os principais valores islâmicos vieram à tona. De seu discurso emanaram várias representações construídas sobre os muçulmanos e os árabes de uma maneira geral. Ao caracterizar o universo islâmico na televisão por meio desse personagem, *O Clone* se inscreveu na ordem social brasileira revelando todo um imaginário pautado por certas representações sobre o mundo muçulmano. Como exemplo, podemos citar a percepção social do papel da mulher e do homem, esposa e marido nessa sociedade, bem como aspectos relacionados aos mais diversos temas como a família, o casamento, a educação dos filhos entre outros.

Para a realização da pesquisa que resultou nesse artigo, direcionamos a análise a uma amostra discursiva limitada aos primeiros setenta e cinco capítulos da trama, correspondendo a quase três meses de exibição da novela – cerca de um terço da totalidade da mesma. Nessa amostragem procuramos listar os principais temas evocados pelo personagem de Stênio Garcia. Dentre os vários temas identificados, destacamos os seguintes: explicações dos principais preceitos islâmicos, críticas ao Ocidente, histórias atribuídas ao profeta Maomé e principalmente questões que dizem respeito à conduta e ao comportamento de mulheres e esposas na tradição muçulmana – casamento, trabalho, estudo, virgindade, divórcio e outras esposas do marido. Entretanto, para melhor delimitarmos nossa amostra para esse

texto, optamos por selecionar os discursos evocados por tio Ali em torno da explicação da religiosidade islâmica tradicional.

Contudo, antes de passarmos para a análise propriamente dita, faz-se necessário evidenciar alguns conceitos básicos que nos permitirão utilizar as ferramentas analíticas da Análise do Discurso, possibilitando assim o estabelecimento de uma argumentação que incorpore as relações entre o discurso e a História. Para tanto, nos limitaremos à definição dos conceitos de sujeito discursivo, memória discursiva e formação discursiva. A partir destas definições, o instrumental analítico adquire maior consistência o que contribuirá com a nossa proposta neste artigo.

Segundo Cleudemar Alves Fernandes, o sujeito discursivo deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo em um determinado momento da história, inscrito em uma dada conjuntura sócio-ideológica, cuja voz é constituída de um conjunto de vozes sociais (FERNANDES, 2005). O sujeito se inscreve em uma formação discursiva que se relaciona com outras formações discursivas. A formação discursiva refere-se

ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas, historicamente definidas; trata-se da possibilidade de explicitar como cada enunciado tem o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que o engendram derivam de um mesmo jogo de relações, como um dizer tem espaço em um lugar e em uma época específica (FERNANDES, 2005, p. 60).

A mídia televisiva nacional, através de uma telenovela promoveu um trabalho de resgate de uma memória discursiva ressignificando acontecimentos discursivos e práticas passadas em um momento presente – deve-se considerar a reprise da novela – reavivado sob a forma de imagens, enunciados e representações. A memória discursiva é entendida aqui como um espaço de memória que garante o funcionamento do discurso constituindo um corpo sócio-histórico-cultural. Portanto, os discursos conseguem exprimir toda “(...) uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos. Trata-se de acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção” (FERNANDES, 2005, p. 60-61).

O sujeito discursivo Ali se inscreve em uma posição marcada pela tradicional religiosidade islâmica. Nasceu no Cairo e fixou residência no Marrocos, um país

árabe e muçulmano. Sua morada é na cidade de Fez, um dos centros mais antigos e tradicionais da África muçulmana. Possui negócios relacionados ao artesanato do couro. Seu cortume garante prosperidade e uma posição de prestígio na sociedade local. Pode-se dizer que é um homem rico. É casado com três esposas e ao final da novela se casa com uma quarta. O personagem tipifica uma situação bastante atípica no mundo muçulmano, principalmente na atualidade. A poligamia praticamente desapareceu nesta tradição, apesar de que no islã o marido pode possuir até mesmo quatro esposas. O alcorão orienta ao esposo tratar suas mulheres com justiça em todas as dimensões que a vida conjugal requer. Diante das dificuldades financeiras e afetivas para garantir o cumprimento da prescrição corânica, a maioria dos casamentos sempre foi monogâmica.

Todo discurso é produzido no interior de uma ideologia. O discurso é considerado o modo de existência sócio-histórico da linguagem. Para Michel Foucault, “trata-se de um conjunto de enunciados que derivam de uma mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 2004, p. 132). A ideologia se materializa na linguagem através do discurso e este envolve condições histórico-sociais de produção. Os discursos enunciados pelo tio Ali em relação ao Ocidente, por exemplo, geralmente em tom de críticas, exprimem uma dada memória coletiva, produto principalmente de séculos de história de sua civilização e que nas últimas décadas, por meio de um contato desigual com o fenômeno da modernização ocidental que atravessa o mundo muçulmano, vem sofrendo a erosão dos valores tradicionais e religiosos. Nesse sentido, sua fala exprime uma memória discursiva, marcada por certo desencanto para com as soluções apresentadas pelo Ocidente ao longo do último século.

Tio Ali e a explicação da religiosidade islâmica tradicional

Foi por intermédio de *O Clone* que uma grande parcela da população brasileira adentrou ao universo da religião e das tradições culturais islâmicas. O personagem Ali se apresentou como o guardião da família tradicional muçulmana. Foi ele que arranjou casamentos para suas duas sobrinhas, Jade e Latifa, com os irmãos Said e Mohamed, respectivamente. Em nossa análise inicial, elencamos uma infinidade de temas que versam sobre vários aspectos relacionados com a tradição religiosa nos discursos desse sujeito discursivo. De negociações de casamento, passando por lições do Alcorão, histórias da vida do profeta, ditos de Maomé até alguns

detalhes como os pilares religiosos do islã e questões relacionadas ao álcool, divórcio, pecado e a mulher em geral.

A telenovela foi ao ar no início de outubro de 2001, portanto poucos dias após o atentado terrorista às torres gêmeas nos Estados Unidos. Entretanto, os trabalhos que abarcam a produção do folhetim eletrônico haviam começado alguns meses antes do trágico evento. Conforme publicação da emissora: “Apenas cinco meses. Esse foi o tempo exato para que *O Clone* saísse do papel para as telas” (GLOBO, 2002, p. 12). Diante disso, para a própria Rede Globo, a reação do público a exibição dos primeiros capítulos do folhetim era uma incógnita e possivelmente se constituía em motivo de apreensão, em função desse contexto. A trama ambientada no Brasil e no Marrocos acabou sendo esticada e totalizou mais de duzentos capítulos – extrapolando a média da emissora para as produções que vão ao ar no horário nobre, que é de aproximadamente cento e oitenta capítulos.

John Tofik Karam, em obra que discute a etnicidade sírio-libanesa na conjuntura da abertura neoliberal brasileira, afirma que se aproveitando “(...) da turbulência mundial (inclusive as represálias contra os árabes nos EUA), os figurões da Globo recriaram a novela como forma de instruir o público brasileiro sobre o mundo árabe muçulmano” (KARAM, 2009, p. 35).

Dentro desse quadro, marcado pelos atentados, a produção da emissora acabou reelaborando a trama. Se antes, era a questão da clonagem humana o principal fio condutor do melodrama, ganhou dimensão à abordagem referente à cultura muçulmana. É bem possível que, inicialmente, o personagem Ali estivesse destinado a um papel que seria relegado a um plano secundário. No entanto, sua atuação foi redimensionada, levando-o a ganhar espaço e se configurar no principal porta-voz do mundo islâmico na novela. Prova maior disso é que ao final do folhetim, no último capítulo, é por meio de seu comentário que os telespectadores são informados do destino da maioria dos outros personagens que compuseram a narrativa.

Então, à medida que o noticiário internacional chamava a atenção para a problemática do terrorismo islâmico mundial na grande mídia – a própria Rede Globo, através do seu principal telejornal, que antecede a novela deu grande destaque a essa questão –, *O Clone*, que teve um elevado índice de audiência, contribuiu para representar o islã sob um olhar diferente, procurando reiterar a

etnicidade árabe no meio nacional. Em meio à apreensão inicial que tomou conta da comunidade de origem sírio-libanesa, a telenovela também ajudou a reforçar a imagem do Brasil, como país da tolerância. Para Karam em um “(...) mundo de ações violentas e retaliações ainda mais violentas, a noção brasileira de democracia racial adquiriu um novo propósito ideológico, potencialmente progressista” (KARAM, 2009, p. 36).

Ao longo do desenrolar dos capítulos, a religião islâmica foi sendo destacada em diversas situações, quase sempre, tendo o personagem tio Ali como protagonista. Seus conselhos, sugestões, seu comportamento e zelo religioso, bem como sua conduta moderada em vários assuntos deram visibilidade não a uma religião marcada pela violência e pela intolerância, mas a um islã tolerante, moderado, alegre e acolhedor. Seu discurso contribuiu para dissociar a religiosidade islâmica principalmente das representações de fanatismo e de violência que passaram a povoar o imaginário de muita gente após a histeria que tomou conta do mundo depois do dia 11 de setembro de 2001.

Destaca-se também como a conduta de tio Ali contribuiu para reelaborar uma velha imagem negativa a qual os muçulmanos foram associados já a um bom tempo, ou seja, uma religião que oprime principalmente a mulher. A respeito disso, destacamos um diálogo entre tio Ali e os irmãos Said e Mohamed, pretendentes das sobrinhas Jade e Latifa. O assunto versa em torno de uma das questões mais criticadas não só no Ocidente, como no próprio mundo islâmico: a mutilação do clitóris. Said e o irmão perguntam ao tio Ali se as meninas foram “castradas”, alegando que a irmã, “ (...)Nazira foi cortada com uns dez anos”. Eis a resposta do patriarca com o restante do diálogo:

Tio Ali: Que estupidez!

Said: Mas é o que a religião manda fazer.

Tio Ali: Não. Isso é costume. A religião não manda fazer nada disso. Onde Deus deu essa ordem? Onde? Eu desafio vocês a me mostrar no Alcorão onde está escrito isso.

Said: Onde está escrito eu não sei, mas é o que todo mundo faz.

Muhamad: está escrito em algum lugar!

Tio Ali: Não, não está. Na minha casa não se corta ninguém. Mas se vocês quiserem desmanchar o trato por causa disso, que desmanchem. Eu vou cortar as minhas sobrinhas? Minhas sobrinhas vão ficar inteiras como Deus fez elas. Onde já se viu? Sair por aí cortando o que Deus botou?

(...)

Percebe-se que o patriarca desvincula a religião dos costumes: “Isso é costume. A religião não manda fazer nada disso”. A mutilação do órgão genital feminino, chamada ablação feminina, é uma antiga prática tribal africana que remonta ao período pré-islâmico. Tal costume continuou apesar do advento da religião e ainda é muito utilizado por certos estratos da população africana muçulmana. A fala de Said corrobora isso quando diz “é o que todo mundo faz”. Muitos críticos do monoteísmo corânico, bastantes mal informados por sinal, incorrem no equívoco de imputar essa prática à religião.

Para além da cena fantasiosa, importa considerar que em poucos segundos, de maneira didática, em linguagem bem simples, a narrativa funcionou como uma verdadeira aula sobre o tema. No Marrocos a prática da mutilação genital nunca foi difundida em nenhum estrato da população. Contudo é bem conhecida em regiões do Egito e principalmente da Somália e da Etiópia. A cena constituiu um exemplo bem relevante da dimensão pedagógica desta obra em um contexto onde eram perceptíveis as várias generalizações promovidas em torno dos temas relacionados com o islã e os muçulmanos.

Vale a pena lembrar que em relação às mulheres orientais, o imaginário ocidental sempre foi permeado por inúmeras fantasias. No passado era a “fantasia orientalista” com as imagens de volúpia e sensualidade da mulher do Oriente. Na contemporaneidade essa representação cede lugar à idéia de que as mulheres são vítimas da violência, opressão e mutilações. Uma cena da novela ilustra perfeitamente essa atitude ocidental perante a essa polêmica questão. Uma brasileira – esposa do cientista Albieri – exprime sua opinião acerca da mulher muçulmana ao tio Ali: “Eu tinha uma outra impressão das mulheres de seu país seu ali. Eu que achava que elas eram tristes, oprimidas.”

Peter Demant esclarece sobre a situação da mulher nessa cultura. Ele assevera que

(...) os versículos do alcorão que regulam e limitam o comportamento da mulher são pouco numerosos e passíveis de múltiplas interpretações. A Situação da mulher no islã reflete antes valores e necessidades de uma sociedade tribal do que valores especificamente religiosos. Parece que ao invés de negar o tribalismo, o islã “levava” valores tribais, intrínsecos às suas fontes autorizadas, para as outras sociedades que conquistou, influenciou ou converteu (DEMANT, 2004, p. 155).

Entretanto, apesar de reconhecer que a posição da mulher no islã melhorou quando comparada com a situação em outras sociedades tradicionais, é imperioso o reconhecimento de que sua situação, ao longo do tempo foi declinando. Por outro lado, no Ocidente, a situação das mulheres operou uma verdadeira revolução, com o advento da emancipação feminina.

As situações vividas pelas mulheres muçulmanas dependem de vários outros fatores tais como, condição social e país de origem. Demant nos esclarece que no islã a participação social feminina varia de acordo com as regras locais de cada região do Oriente Médio. O islã acomoda uma variedade de posições sobre as mulheres muçulmanas em função da diversidade cultural da região médio oriental (DEMANT, 2004, p. 160).

Quando o assunto é o islã, é muito complicado fazer generalizações. Contudo, a tradição islâmica não é monolítica, foi marcada até por uma razoável pluralidade em suas respostas. O alcorão contém passagens que tratam de paz, tolerância, bondade, compaixão, bem como do amor ao próximo. Apesar disso é um texto marcado por algumas ambigüidades. Fala de paz como também de guerra. Bernard Lewis informa que as “milhares de tradições e ditos atribuídos, com variados graus de confiabilidade, ao profeta, oferecem ampla gama de orientações, das quais a interpretação militante e violenta da religião é apenas uma dentre muitas” (LEWIS, 2004, p. 24).

Como consequência disso, existe dentro do islã, uma multiplicidade de práticas que estão associadas as possíveis interpretações que versam sobre as mais variadas questões concernentes a vida social. Como bem Peter Demant frisou, um entrelaçamento entre normas sociais e preceitos religiosos (DEMANT, 2004, p. 155). Apesar disto, deve-se ressaltar que a modernização e o impacto da globalização vem promovendo pressões uniformizadoras dentro das sociedades islâmicas.

Retornando a discussão entre tio Ali e Said em torno do problema da mutilação genital, temos um exemplo claro dessa tensão inerente à religião islâmica que permite essa pluralidade de interpretações sob a capa da unidade religiosa. Esse monoteísmo se adaptou aos diversos ambientes sócio-culturais por onde se difundiu. O alcorão é um texto que pode ser lido segundo uma razoável pluralidade de

códigos interpretativos – na tradição sunita existem 4 escolas ortodoxas interpretativas. A despeito disso, para o fiel, continua sendo o principal guia dos comportamentos ao longo do cotidiano.

O personagem Ali, constantemente busca inspiração no “livro sagrado” para guiar a sua conduta e a de seus familiares. A maioria de seus conselhos tem no alcorão, a principal fonte de referências. Em nossa amostragem verificada até aqui, por várias ocasiões ele ministrou conselhos, deu sugestões e solucionou problemas, fazendo menções ao livro. Como exemplo, podemos observar quando o patriarca procura exortar a sobrinha Jade da importância do casamento e da instituição familiar. Depois de perguntar se ela tem lido o alcorão, continua:

Ali: Tem lido sempre ou só de vez em quando?

Jade: tenho sempre lido.

Ali: Bom, muito bom! Ali você vai encontrar resposta para tudo que você quer se guiar na vida. Você já leu o que o livro sagrado fala do Casamento?

Jade: Não, não...

Ali: É muito bom ler esse pedaço. Deus mostra pra gente que a família é a coisa mais importante que existe. Devemos tomar cuidado com a nossa família (...) e proteger a família da discórdia.

(...)

Transparece aqui a preocupação de tio Ali, não apenas em relação ao futuro da sobrinha, mas a coesão do grupo familiar do qual ele é o chefe. Jade se mostrava insatisfeita com relação ao seu casamento com Said e esse fato incomodava o tio que temia que a moça fizesse algo que viesse a comprometer a sua honra na sociedade tradicional marroquina e ameaçasse a sua posição na família. Invocando o islã, ele procurou reforçar a sua autoridade de patriarca e chefe familiar.

Considerações finais

A telenovela, após mais de meio século de seu início no país, ainda representa, nos dias atuais, um dos produtos culturais de maior importância da TV brasileira. Conforme demonstrou o sucesso de *O Clone*, esse produto tem forte apelo popular. Independentemente das críticas que se possa fazer a esta ou àquela novela, pode-se encontrar sempre alguma contribuição.

A televisão no Brasil não é apenas show, mas abarca também o campo da cidadania.

Ela engendra e delimita o que se entende por espaço público em nossa nação. Através do folhetim eletrônico *O Clone*, a TV atuou como instância mediadora nas relações de milhares de brasileiros com o universo do mundo islâmico, conferindo visibilidade a várias problemáticas relacionadas a essa civilização.

O personagem tio Ali, por meio de seu discurso representou a religião islâmica como uma fé alegre, aberta, humana, moderada e tolerante. Portanto, bem diferente da caricatura que muitos associam a ela, principalmente em função da superexposição que tem na grande imprensa, a minoria fanática, radical e violenta dos grupos considerados pela mídia como fundamentalistas.

O discurso de tio Ali foi um meio que contribuiu para a divulgação de características importantes da tradição islâmica – aspectos da religião, histórias do profeta, assuntos dos mais diversos que atravessam aquela sociedade – na esfera pública brasileira, assim como, questões que perpassam a civilização muçulmana diante da modernização e da ocidentalização.

Enfim, em tempos de “choque de civilizações”, a mídia televisiva brasileira ofereceu um material que, apesar de evocar alguns velhos estereótipos, pelo menos não reiterou a caricatura que mais ameaça o relacionamento entre o Ocidente e uma civilização que não se limitou apenas ao enfrentamento com o mundo ocidental. A produção da novela conseguiu pelo menos transmitir uma representação religiosa do islã que se afasta do clichê da “religião de violência”. Infelizmente, é essa imagem pobre e reducionista que tem se estabelecido no senso comum de muita gente após os atentados às torres gêmeas nos Estados Unidos.

Referências

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação\Educação: aproximações, p.108. In: BUCCI, Eugênio (Org.). *A TV aos 50. Criticando a Televisão Brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CANUTO, Maria Elizabete Albuquerque. *A telenovela como produto sócio-cultural. Refletindo sobre a construção de significados*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Sociologia da universidade Federal de Pernambuco.

DEMANT, Peter. *O Mundo Muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GLOBO Publicações. *Um outro olhar – o mundo árabe e o islã através da novela O Clone*. São Paulo. 2002

HAMBURGER, Esther. Política e novela, p.26. In: BUCCI, Eugênio (Org.). *A TV aos 50 – Criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

HAMBURGER, Ester. Diluindo Fronteiras: A Televisão e as novelas no cotidiano, p.442. In: NOVAIS, Fernando A. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea; organizadora do volume Lília Moritz Schwartz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KARAM, John Tofik. *Um outro arabesco: Etnicidade sírio-libanesa no Brasil neoliberal*. São Paulo: Martins, 2009.

KEHL, Maria Rita; COSTA, Alcir H. e SIMÕES, Inimá F. *Um país no ar: história da TV brasileira em três canais*. São Paulo: Brasiliense/Funarte, 1986.

LEWIS, Bernard. *A crise do islã*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Hegemonia Audiovisual e Ficção Televisiva*. São Paulo: Editora Senac, 2001.

MATTELART, Armand; MATTELART Michelle. *O carnaval das imagens*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MELO, José Marques de. *As telenovelas da Globo: produção e exportação*. São Paulo: summus, 1988.

PORTO, César Henrique de Queiroz
A telenovela brasileira e mundo muçulmano

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

VALDIGEM Catarina. *A indústria cultural televisiva como fonte mediadora de processos de hibridação cultural: estudo de recepção da telenovela brasileira O Clone*. Acesso em [www.bocc.uff.br/pag/valdigem - catarina - indústria – cultural – televisiva – fonte – mediadora – processos.PDF](http://www.bocc.uff.br/pag/valdigem-catarina-industria-cultural-televisiva-fonte-mediadora-processos.pdf) (acesso em 22-04-09 as 15:40).

